

REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE DESLEITURAS NO PROCESSO FORMATIVO DO DOUTOR EM CRÍTICA CULTURAL — O AUTOR E LEITOR NO JOGO DOS TEXTOS/TEXTUALIDADES

José Carlos Felix¹

Resumo: Neste ensaio na forma de memorial, nosso objetivo é tomar as reflexões elaboradas durante os seis anos de trabalho no programa de pós-graduação em Crítica Cultural para propor um aprofundamento das questões que abarcam os limites e medidas de hospitalidade (e hostilidade) com o qual as línguas, mídias e textos jogam dentro de uma perspectiva entrecortada pela crítica cultural e vivenciadas por meio das ações e projetos desenvolvidos em uma rede colaborativa via grupo de pesquisa. Nessa perspectiva, ensejamos primeiramente avaliar a importância de uma prática que entende a formação acadêmica em uma articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão ao mesmo tempo em que articula um diálogo constante em todos os níveis de formação acadêmica: da IC ao doutorado para, em seguida, lançar as noções de leitor/escritor contemporâneo em sua relação com/no jogo dos textos a partir da perspectiva da (des)leitura. Pensamos e propomos o conceito de desleitura como estratégia de resistência cultural, antídoto contra a angústia da influência, interpretada em uma chave pós-colonial e antisubalterna para uma crítica da cultura. Nesse sentido, a proposta de pensar a desleitura como um conceito operante no perfil do crítico cultural visa aproximar projetos que se façam entender que o leitor/crítico contemporâneo dos processos/produtos culturais, constituído a partir de práticas diversas de leitura e escrita, mediadas por novas tecnologias, transita entre dois loci, o do autor e o do leitor na construção de um *éthos* de crítico cultural.

Palavras-Chave: Desleituradas. Textualidades. Releitura/Reescrita. Crítica Cultural.

¹ Docente Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus IV), professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Pesquisador pelo grupo Desleituradas, UNEB/Pós-Crítica. E-mail: jfelix@uneb.br.

QUESTÕES PRELIMINARES

Este ensaio oferece algumas reflexões críticas acerca das inflexões e impactos que a vivência e o trabalho acadêmico nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão nos níveis da graduação e pós-graduação vêm contribuído significativamente para o desenvolvimento e consolidação intelectual, cultural, social e humana de um coletivo de estudantes, professores e agentes sociais dentro das mais variadas e plurais instâncias institucionais da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, onde atuo como professor, pesquisador formador desde 2005, na graduação², e no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, a partir de 2014. Cabe assinalar que a amplitude das ações formativas que pretendo examinar ao longo dessas páginas só foi possível devido a integração de duas instâncias basilares e indissociáveis para o estabelecimento de um projeto de formação acadêmica sólida e continuada, a saber: a estruturação de projetos de pesquisa em rede por meio de um grupo de pesquisa como ação e agência dentro de um programa de pós-graduação. No meu caso em particular, são eles o Grupo de Pesquisa Desleituradas³ — grupo de pesquisa e extensão em tradução, adaptação e reescritas⁴ — (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1792517921828602) e o Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, mais especificamente na Linha 1 (Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida), no qual atuo desenvolvendo, orientando e supervisionando pesquisas.

² Embora seja lotado no Curso de Letras Inglês (graduação) no DCH IV, campus de Jacobina (ingresso em 2005), e atue como professor permanente no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (ingresso em 2014), desde 2017, venho também atuando como docente na graduação nos cursos de Letras Inglês nos DCHT, Campus XXIII, Seabra, e no DEDC II, Campus de Alagoinhas. Essa ampliação no campo da atuação docente me permitiu uma expansão da rede de formação de discentes pesquisadores. O contato com os discentes nesses dois campi por meio do ensino de componentes de graduação me permitiu a possibilidade do desenvolvimento de pesquisas de Iniciação Científica que, por sua vez, resultou na aprovação dos bolsistas em cursos de pós-graduação. Cabe ressaltar que não fosse o contato propiciado pela sala de aula no ensino de graduação, as chances de contato e desenvolvimento de projeto de pesquisa com esses discentes seriam nulas.

³ Para o site do grupo: <http://desleituradas.uneb.br/>.

⁴ Para o espelho do grupo no diretório de grupos de pesquisa da Capes (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1792517921828602).

Olhando em retrospecto, o trabalho realizado desde meu ingresso no programa em 2014, mesmo ano da criação do grupo de pesquisa, resultou em uma relação de integração cuja articulação do grupo de pesquisa no âmbito da pós-graduação atesta que esse é o caminho fundamental para o desenvolvimento e fortalecimento de ambos. Nesse sentido, não é inoportuno reafirmar uma máxima quase senso comum no universo acadêmico: um grupo de pesquisa realmente atuante não pode jamais prescindir do espaço institucional da pós-graduação, do mesmo modo que não se concebe um pesquisador atuar em um programa de pós-graduação desvinculado de um grupo de pesquisa — sendo uma agência em rede e não isolada. Afinal, pesquisa e vida acadêmica só acontece no espaço aberto e coletivo da *res publica*.

Dito isso, penso ser oportuno assinalar as principais diretrizes teóricas, conceituais e agenciais a partir das quais estruturam-se o grupo de pesquisa Desleituradas para, em seguida, se compreender melhor seus desdobramentos e interconexões com nossa atuação no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, particularmente no momento em que o programa inicia uma nova jornada em longo projeto de consolidação enquanto programa de pós-graduação, na formação de doutores em Crítica Cultural — razão e motivação desse ensaio em primeira instância.

PROLEGÔMENOS DE UM GRUPO DE PESQUISA E EXTENSÃO

Fundado em 2014, o grupo de pesquisa Desleituradas tem por objetivo promover e acolher discussões de pesquisadores na área de letras, particularmente na intercessão entre os campos da leitura, da tradução, da literatura comparada e partir de uma perspectiva de uma crítica da cultura fundada no que Santos concebe como “a uma arqueologia do signo como acontecimento epistemológico do campo linguístico-literário, suas reverberações nas ciências humanas” (SANTOS, 2020, p. 9-10), fomentando assim a convergência de questões transversais que perpassam o aprendizado e o ensino de línguas, sejam elas estrangeiras ou maternas, em âmbito nacional. Outro objetivo do grupo é

expandir as atividades de pesquisa por meio da promoção de ações e projetos que visam o debate acerca das noções de leitura e da formação crítica de leitores (suas redes, práticas e o papel do mediador), tanto em âmbito universitário quanto nos espaços de educação formal e não formal.

Nesse sentido, nosso compromisso com ações orgânicas foram a própria razão de criação do grupo de pesquisa. Antes da formalização enquanto grupo de pesquisa institucionalizado, as atividades que plantaram a bases de sua criação se iniciaram em 2013 com o projeto de pesquisa e extensão intitulado, “Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de redes de leitores”, finalizado no primeiro semestre de 2014. O título do projeto remete ao ensaio inicial de Eco apresentado em *Seis passeios pelo bosque da ficção* (1994), e busca suscitar não somente a alusão ao mundo ficcional do bosque, esse espaço intermediário entre a cidade e a floresta, o doméstico e o selvagem no qual estão à espreita a bruxa, o lobo, enfim, o perigo, assim como a fada e a casa de doces, mas também à magistral definição apresentada pelo autor, com base em Borges: “um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam” (1994, p. 9), na qual se enfatiza o papel ativo do leitor na apropriação daquele espaço ficcional por meio desse ato corajoso que é/deve ser a leitura porque o tempo todo a demandar do leitor que faça escolhas e corra riscos interpretativos e trilhe seu caminho.

Além disso, o objetivo geral do grupo, por meio de inúmeras ações como colóquios, simpósios, projetos de extensão e pesquisa, foi, desde suas primeiras ações, o de fomentar a criação, consolidando uma rede de pesquisadores nas áreas de Leitura Crítica e Literatura Comparada, particularmente na área de tradução e adaptação, em âmbitos regional e nacional, em um primeiro momento, e internacional, em segundo momento, visando à criação de um Núcleo de Tradução (projeto já em andamento), que coordene institucionalmente as demandas que a própria universidade tem quanto a estudos de tradução e seus produtos/processos, a saber:

- 1 — Propor a habilitação em tradução como uma das possibilidades para seus discentes e futuros profissionais da área de Letras;
- 2 — Estabelecer uma linha de edição e publicação, junto a EDUNEB e/ou demais editoras universitárias, que contemple obras traduzidas pelo grupo de pesquisa/núcleo e/ou núcleos e grupos de autores regionais para a língua inglesa e autores estrangeiros para a língua portuguesa;
- 3 — Fomentar a pesquisa e o diálogo em rede por meio de evento bienal na área pensado, em um primeiro momento, para o âmbito nacional com entidades parceiras como a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gérias, a Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Paraná, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Pará, fomentando o diálogo em rede nos eixos Nordeste, Norte, Sudeste e Sul do Brasil.

Entre os objetivos específicos almeçados e muitos já alcançados pelo grupo ao longo desses seis anos desde sua criação, podemos listar os seguintes:

- 1) Ações de fomento do diálogo entre as Letras Maternas e estrangeiras a partir da centralidade das práticas de leitura e letramento em vigor em nossas salas de aula por meio dos mais diversos e plurais projetos de pesquisa e extensão;
- 2) A aproximação de grupos de pesquisa e pesquisadores que tenham como foco as áreas de Leitura e Estudos da tradução, fortalecendo as experiências em âmbito institucional e também nacional;
- 3) Uma reflexão crítica do conceito de leitura a partir do quadro proposto pelo estudo das práticas culturais, compreendendo-a como uma das manifestações e/ou eventos de sociabilidade em que impactam questões com a materialidade (como a tecnologia, por exemplo);

- 4) O planejamento e organização cursos e atividades de formação de leitores/tradutores e de mediadores de leitura a partir da perspectiva da multimodalidade;
- 5) Uma reflexão do lugar/tarefa do tradutor como o entre-lugar da escrita e da leitura, leitor-mediador que possui seu horizonte de expectativas e projeto tradutório, impactando na recepção de um determinado escritor/obra;
- 6) O estabelecimento de linhas de edição e publicação, junto a EDUNEB e demais editoras universitárias, que contemplem obras traduzidas pelo grupo de pesquisa/núcleo de tradução da UNEB, contemplando, inclusive, autores regionais;
- 6) A resignificação da identidade e do papel dos cursos de Letras com habilitação em Língua Estrangeira, pensando a habilitação em tradução como uma das áreas de formação do acadêmico;
- 7) O fomento, em âmbito regional, a realização de ciclos de debates e conferências acerca das práticas e políticas de leitura, bem como sobre a história dessas práticas e dos leitores, repensando o lugar da tradução nestas práticas;
- 8) A realização de oficinas voltadas para textos literários/de ficção, postas em diálogo com outras formas narrativas;
- 9) O fomento da publicação de artigos, em periódicos nacionais e internacionais, para socialização dos resultados obtidos.

Para ilustrar de maneira mais contundente e fornecer ao leitor um quadro mais ilustrativo e sintético dos vários produtos e ações advindos e oriundos dos nove objetivos e ações descritas acima, assinalamos aqui alguns projetos mais pontuais nos quais convergiram e conferiram forma mais concreta às inúmeras articulações e proposições dos projetos do grupo. O primeiro configura-se como ação de caráter marcadamente extensionista e voltado prioritariamente para um público da comunidade não acadêmica, enquanto o segundo volta-se para ações da pesquisa, fomento do debate teórico e epistemológico, cuja finalidade central

intenta contemplar a dimensão de produção e circulação do conhecimento produzido pelos projetos do grupo.

Em relação ao primeiro, destaca-se a preocupação do grupo desde seus primórdios em propor atividades de extensão que propiciassem o diálogo e trocas culturais e intelectuais com grupos e comunidades para além do âmbito e espaço universitário. Assim, no final de 2017, o projeto de extensão “Entrando no bosque”⁵ foi reconfigurado em uma nova versão intitulado “Deslendo mulheres escritoras”. Após um ano de encontros para rodas de leituras e conversas com participantes de várias comunidades no município de Jacobina e região, em 2018, a temática continuaria com a literatura escrita por mulheres, no entanto acrescentava-se um novo recorte: a mulher negra como foco. Assim, o projeto “Deslendo Mulheres Negras” surgiu em meio a necessidade de ler e discutir a literatura negra em outros espaços não fossem acadêmicos e em outros períodos que não fossem em novembro, o mês da consciência negra. Dessa forma, os encontros foram pensados mensalmente para que todas as pessoas interessadas pudessem se programar, ler os textos, e comparecer aos encontros que ocorrem na última quinta-feira do mês no Galpão Payayá (um espaço de arte), na cidade de Jacobina. A programação planejada entre o fim de 2018 e início de 2019 ainda está em andamento⁶ e vem gerando bastante discussão sobre o papel da mulher, especialmente da mulher negra, dentro da literatura e da sociedade. Um dos encontros mais recentes discutiu o mulherismo em Alice Walker, e nos permitiu colaborar com o curso de Língua de Língua Inglesa do campus XXIII da UNEB, localizado na cidade de Seabra. Para este, contamos com o apoio e parceria da professora mestra Raphaella Oliveira e sua orientanda Maísa Anjos que trouxeram uma oficina de Fanzine e o lançamento do zine Flores Silvestres, no qual discutiam o womanism — mulherismo — em Alice Walker.

⁵ As primeiras versões do projeto tinham como público alvo estudantes da graduação do DCH IV, sendo os encontros realizados no próprio campus.

⁶ Depois do início da pandemia e com o fechamento do campus, os encontros se tornaram ainda mais frequentes por meio de lives e encontros em plataformas virtuais.

Já o segundo eixo das ações do grupo configurou-se no âmbito da elaboração de ações com vistas a promover o contato entre grupos e pesquisadores em âmbito interdepartamental e interinstitucional por meio de colóquios e simpósios. Nesse quesito, vale destacar os dois colóquios organizados e promovidos pelo grupo com várias instituições parceiras. O I Colóquio, realizado entre 21 e 24/11/2015, teve como tema “Leituras e Letramentos Múltiplos: traduções e outras formas de leitura”, promovendo um espaço de debate para estudantes, professores e pesquisadores de IES interessados em estabelecer parcerias acadêmicas com o grupo de pesquisa em formação. O evento recebeu 330 participantes, com 65 comunicações; 9 palestrantes das IES: PUC-MINAS, UFC, Unicamp, UNEB; 8 oficinas, 7 minicursos, 3 atividades culturais e 4 lançamentos de livros. O público beneficiado foi de 150 alunos (78 Graduação; 72 Pós-Graduação), 10 docentes UNEB, 150 professores da educação básica, alunos egressos e 20 da comunidade externa. Estabelecemos ainda projetos de parceria interinstitucionais entre IES: UFC e UNEB, por meio de simpósios em 3 edições de Congressos Internacionais da ABRALIC (2016/17/18), PUCMINAS e UERN por meio de workshops. Sobre a produção bibliográfica, publicamos 34 artigos nos Anais do primeiro colóquio. A segunda edição, com o tema “Desleitura e Desescrita: o autor e o leitor no jogo do texto”, que ocorreu entre 17 e 19/05/2017, consolidou a rede de pesquisadores das IES: PUC-MINAS, UFC, UFPR, UERJ e UFP, ampliando o diálogo entre as regiões Nordeste, Norte, Sudeste e Sul. O evento recebeu financiamento da FAPESB por meio do edital de Apoio à Organização de Eventos Científicos. Tivemos 485 inscritos: 168 comunicações; 9 palestrantes UFPR, UFBA, UFC, PUC-MINAS, UERJ, UFMG, UFPA; 12 oficinas, 10 minicursos, 3 atividades culturais e 6 lançamentos de livros. O público beneficiado foi de 285 alunos (158 Graduação, 127 Pós-Graduação), 38 docentes UNEB, 120 professores da educação básica, alunos egressos e 42 da comunidade externa. A participação de palestrantes das IES UERJ, UFPR e UFPA possibilitou novas parcerias de cooperação científico-acadêmica com programas de pós-graduação consolidados. Foram publicados 44 artigos no formato de Anais e um e-book na série ABRALIC, 2018, e organizamos

e publicamos um livro de coletânea com os textos dos conferencistas do II Colóquio e publicado pela Editora Appris no final de 2020.

A terceira edição do Colóquio Desleitura, proposta para ser realizada no formato remoto/online de maio a outubro 2021⁷, intenta consolidar as ações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Desleitura desde 2014, e pelo Grupo de Pesquisa Formação em Linguagens e Ensino (FALE) desde 2018, no âmbito do Departamento de Ciências Humanas, UNEB Campus IV, Jacobina, território do Piemonte da Diamantina, Bahia. Nesta edição, o evento contará com a parceria de pesquisadores do Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (DIFEBA), Grupo de Pesquisa Leitura, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR), e com pesquisadores parceiros dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (MPED, UNEB), Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (PÓS-CRÍTICA, UNEB), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL, UNEB) e Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLITCULT, UFBA). Tais parcerias atestam um trabalho de cooperação entre programas, por meio de projetos entre pesquisadores de áreas afins, de forma a fortalecer a integração, ampliando o alcance da pós-graduação em territórios para além das capitais brasileiras, particularmente as do Nordeste.

Esse breve relato e lembrança de nossas ações certamente atestam a compreensão do grupo de pesquisa como espaço de articulação dos eixos de ensino, pesquisa e extensão com vistas à formação universitária em consonância com novos paradigmas de conhecimentos e saberes que alinham outros modelos/desenhos de universidades, ou seja, para além do modelo difusionista que conhecemos, pois nos propomos a fortalecer, no contexto brasileiro, o papel que as universidades estaduais, particularmente o da Universidade do Estado da Bahia (FELIX; SALVADORI,

⁷ A primeira data proposta para a terceira edição foi maio de 2019, porém, não foi possível realizar pela falta de recursos em grande parte como consequência direta do desmonte sofrido pelas IES e educação em geral desde o golpe. Reprogramamos o evento para maio de 2020, mas foi preciso cancelar diante das incertezas dos primeiros meses que a pandemia causou a todos nós.

2018)⁸, têm desempenhado em relação às instituições de ensino superior federais e privadas, a saber: a interiorização e, logo, a democratização do acesso ao ensino superior enquanto atreladas à missão desenvolvimentista, voltada às demandas regionais.

Por fim, no âmbito dos projetos de divulgação científica das produções advindas das ações do grupo de pesquisa e extensão, cabe ainda destacar o livro *Desescritas e Desleituras Contemporâneas e O Jogo do Texto: O Autor e o Leitor nas suas Prática na Contemporaneidade*, financiado pela própria ABRALIC e que reúne alguns textos apresentados nos dois Simpósios realizados no XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada — ABRALIC, realizado no período de 19 a 23 de setembro de 2016 e XV Congresso Internacional da ABRALIC, realizado entre os dias 07 e 11 de agosto de 2017, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro — UERJ. Os simpósios foram propostos e organizados como parte das atividades do Grupo de Pesquisa Desleituras com o objetivo consolidar o as interlocuções com pesquisadores na área de Letras, particularmente daqueles que tem tratado da leitura e da tradução, assim como da literatura comparada, abordando questões transversais que perpassam a pesquisa e o ensino em Letras em âmbito nacional, tanto em língua materna como em língua estrangeira.

Nossa proposta foi acolher trabalhos e pesquisas interessados em compreender de que maneira as textualidades contemporâneas (produzidas, circuladas e recebidas a partir de outros suportes/materialidades, particularmente mediados pelas novas tecnologias) põem em xeque a função do autor e, logo, o papel do leitor, assim como o conceito de obra. Nesse sentido, acolhemos propostas que visavam a refletir acerca das práticas de leitura/escrita que estas textualidades fomentam — pensando particularmente naqueles atos de

⁸ Para uma discussão mais aprofundada acerca do papel das universidades públicas do interior do Brasil, particularmente estruturadas no sistema de multicampia e no nordeste do país, ver: Felix, José Carlos, y Juliana Cristina Salvadori. “Universidade e diversidade: desafios da multicampia / UNEB DCH IV como estudo de caso”. *Literatura: teoria, historia, crítica*, vol. 20, n. 2, 2018, p. 103-129.

(des)leitura e (des) escrita que a contemporaneidade permite e mesmo fomenta as adaptações, de um modo geral, e as traduções — enfocando estes novos textos como o locus da convergência entre os atos de leitura e escritura, processo pelo qual (de)escrivem-se textos (e formas, materialidades) canônicos.

DESLEITURA COMO GESTO EM CRÍTICA CULTURAL

Antes de avançarmos nesta última seção desse ensaio, é oportuno retomar o argumento assinalado nas primeiras linhas desse texto em que argumentamos que nosso objetivo é tomar as reflexões elaboradas durante os seis anos de trabalho no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural para propormos um aprofundamento das questões que abarcam os limites e medidas de hospitalidade (e hostilidade) com o qual as línguas, mídias e textos jogam dentro de uma perspectiva entrecortada pela crítica cultural. Passados alguns anos de intenso trabalho no grupo pesquisa e disseminado nas vivências e experiências em que tive o privilégio de experimentar nas mais variadas formas e contornos no âmbito do programa de pós-graduação em Crítica Cultural seja como professor, pesquisador, orientador, líder de grupo de pesquisa, supervisor e vice-coordenador do programa, posso somente agora por meio dessa reflexão entender melhor 1) o curso e percurso realizado ao longo desses anos e que me permite, juntamente com meus colegas, alunos e orientandos (todos pesquisadores do Programa), 2) a natureza das dimensões epistemológicas imbricadas no amplo conceito de desleitura e 3) sua inflexão e relevância não apenas como um operador teórico-conceitual potente para se colocar em xeque o lugar da crítica no campo das letras contemporâneas, mas sobretudo no sentido de promover uma reflexão crítica acerca das potencialidades e desdobramentos na maneira de se fazer uma crítica cultural capaz de recolocar em uma perspectiva de debate contemporâneo formas de se entender as noções do artefato literário e da crítica mediados pelo crivo da crítica cultural. A meu ver, a consolidação desse projeto está em vias de acontecer nesse exato momento em que nós, professores-pesquisadores, nos juntamos aos

doutorandos que ingressam no programa em Crítica Cultural para consolidarmos um projeto de um programa marcadamente singular no campo das Letras em nosso país.

Feita tais reflexões, pensamos ser oportuno tecer algumas considerações de cunho teórico-conceitual no que tange a noção de desleitura como gesto de insubordinação e suas possíveis contribuições tanto no debate e em uma práxis da crítica da cultura quanto na problematização do perfil daquele que será, esperamos, um doutor em crítica cultural. Assim, ensejamos abordar brevemente aqui as noções de leitor/escritor contemporâneo em sua relação com/no jogo dos textos a partir da perspectiva da (des)leitura, pensada como *poiesis*: ato poético em que se atualizam a(s) potencialidade(s) do texto literário, e da leitura como desdobramento criativo e como mediação — para outras materialidades (cinema demais plataformas audiovisuais), gêneros (textuais e sexuais), línguas/linguagens. Com efeito, pensamos a Desleitura menos como um conceito e mais como uma estratégia de resistência cultural, um antídoto contra a angústia da influência, interpretada em uma chave pós-colonial, no sentido em que põe em xeque a questão de uma estética do novo, do original, e nos permite repensar nossas experiências coloniais compartilhadas, ou seja, tem uma finalidade dúplice, de prática dialógica. Pode ser entendida no sentido que o conceito de obra escrevível remonta à nossa herança antropofágica no que tem de mais assustadora, o apagamento da fronteira entre o eu e o outro por meio de uma violência/violação transgressora, a devoração da fronteira entre autor e leitor, original e cópia, literatura e não literatura e estendida às dimensões da crítica, teoria e tradução.

Para tanto, partimos do conceito de Bloom, em *A angústia da influência* (1991) e posteriormente expandido em *Um mapa da desleitura* (2003), reconceitualizando a noção de influência a partir de uma virada no campo dos estudos literários, ampliando-o para o campo da crítica cultural — como uma desleitura, desviante e criativa, tornando a desleitura um conceito de que pretende dialogar com as desleitura contemporâneas e pós-coloniais que ampliam e põem em xeque o próprio

conceito fechado de literatura ao questionar obra, autor e leitor. Essa releitura da influência como desleitura produtiva, leitura desviante, anteriormente delineada, conquanto restrita por Bloom especificamente a esse diálogo entre escritores, é apropriada por nós, reinterpretada, ressignificada, ampliada e deslocada para o ato da leitura em si, para a relação leitor, autor e texto, expandindo o conceito de literário e literatura e concentrando-se nas noções de culturas e novos produtos multi e trans — modais, midiáticos, textuais da contemporaneidade.

Pensamos que a sociedade em rede é a estrutura social dominante do planeta, pois encontra-se em um fluxo contínuo, absorvendo pouco a pouco as outras formas de ser e existir. Do mesmo modo, Umberto Eco, em seu livro *Obra Aberta* (1969; 2005), reflete acerca desse fenômeno ao examinar, na sociedade contemporânea, desde as “estruturas que se movem até aquelas em que nós nos movemos”, e cuja consequência mais sintomática é uma plethora de “formas que apelam à mobilidade das perspectivas”. A partir disso, podemos entender que a revolução tecnológica transformou profundamente o modo pelo qual os sujeitos se inscrevem no mundo. Enquanto a modernidade erigiu as bases de uma tradição literária estreitamente pautada no domínio da escrita, afastando-se assim de uma tradição de narrativa oral de séculos, a sociedade e a cultura contemporânea são marcadas por uma tônica que confere à literatura uma gama de possibilidades, particularmente mediada pelo ambiente hipermediático. Ou seja, a noção tradicional de crítica literária ou mesmo de estudos culturais precisam dar conta de uma produção literária, em constante diálogo com o cinema, a música, os quadrinhos e a internet, engendra um campo interdisciplinar que, ao ganhar legitimidade na atualidade, opera como um poderoso meio aberto a todas as formas e sujeitos outrora não inseridos em uma tradição literária canônica.

Com efeito, a proposta de pensar a desleitura como um conceito/estratégia operante na formação do perfil do crítico cultural, leia-se de um doutor em crítica cultural, intenta aproximar projetos que problematizem uma perspectiva do leitor contemporâneo como um sujeito constituído a partir de práticas diversas de leitura e escrita,

mediadas por novas tecnologias e que transita entre dois loci, o do autor e o do leitor, visto que o leitor opera duplamente: por meio de uma leitura que descreve e uma escrita que deslê a obra, tornando-a texto. Ou seja, enfocando a textualidade como conceito performático de textualidade, leitura/interpretação como gesto a se repetir infinitamente, a disseminar, pela proliferação de significantes, sentidos sempre deferidos no sentido derridiano. Nessa perspectiva, o espaço do texto, ou melhor, da textualidade — sempre a se fazer no gesto — é o espaço da devoração, do apagamento: não há mais a diferença pensada como essencial entre o princípio criador, ativo, e o recriador.

Desta maneira, cabe reiterar que, nessa perspectiva, os atos de leitura, escrita e crítica são indissociáveis e entendidos no sentido da poiesis, do ato criativo, em que se atualiza(m) a(s) potencialidade(s) do texto, particularmente do literário (AGAMBEN, 2009), e a escrita como desleitura na acepção de Bloom (1995): da apropriação desviante do outro e do texto do outro — texto escrevível, a ser lido sempre na perspectiva de uma abordagem comparada e em diálogo com outros textos (BARTHES, 1970; SANTIAGO, 2000). Se os debates fundadores da área/disciplina da literatura comparada se concentraram na circunscrição do campo e na definição dos parâmetros de comparação (CARVALHAL, 2006; NITRINI, 2010), para uma análise comparatista válida, os anos 2000, principalmente, testemunham a re-emergência de um campo dado como morto (SPIVAK, 2003) a partir de uma releitura do lugar da literatura comparada em relação ao campo dos estudos literários e a aceitação desse lugar fronteiro, liminar, intersticial — trans-nacional, trans-cultural, trans-midiático: uma opção pelo movimento e pelo fluxo e mediados pelos debates da cultura.

Esta opção, aliás, advém do fato de que o questionamento se desloca do adjetivo “comparada” para o substantivo literatura: quando o próprio conceito de literatura é posto em xeque pelos estudos culturais particularmente pela vertente pós-colonial por meio do questionamento do cânone e seus critérios de elegibilidade; dos pares binários (original e cópia; autor e leitor; oral e escrito; texto criativo/ficcional e texto crítico)

e, logo, do literário em si, percebe-se que o comparatismo oferece uma abordagem privilegiada para lidar com este conceito movente, a literatura, que se amplia para, novamente, significar poiesis, ato de produção criativa e passa a englobar matrizes narrativas diversificadas dispersas/disseminadas em vários outros produtos culturais: o cinema, a TV, os games, e a própria literatura, a partir de uma perspectiva não mais euro/logocêntrica. A perspectiva comparatista, por sua vez, passa a nos oferecer, com base em um corpo teórico e prático, a possível inteligibilidade (leitura) dessas diferentes manifestações contemporâneas não a partir das semelhanças, mas a partir da compreensão da diferença que se apropria do texto do outro e o desescreve, por meio de leitura ativa, deslendo-o na refeitura. É na rede desses questionamentos postos particularmente tanto a crítica cultural quanto ao seu campo de conhecimento e objetos, sobretudo, a partir das possibilidades de ampliação do conceito de literário para cultural, bem como da compreensão das práticas de leitura e escrita como instâncias da cultura.

Ademais, esta releitura da influência como desleitura produtiva, leitura desviante, é aqui tomada e ampliada, deslocada para o ato da leitura em si, para a relação leitor, autor e texto, ampliando o conceito de literário e literatura e se concentrando em cultura e novos produtos multi e trans — modais, midiáticos, textuais, enfocando a textualidade conforme o projeto de Derrida delineado em sua Gramatologia (2004): conceito performático de textualidade que não se apoia na distinção sujeito/leitor e objeto/texto, mas na concepção de textualidade infinita — ou seja, leitura/interpretação como gesto a se repetir inifinitamente, a disseminar, pela proliferação de significantes, sentidos sempre deferidos.

Essa textualidade potencialmente infinita demanda, arguimos, uma leitura como escrita, isto é, escrevível, atuação crítica — afinal, ler, é eger e pôr em circulação certas narrativas, estruturas, autores, línguas e, também, produtos (não podemos nos esquecer que as narrativas, afinal, são trans e multi-mídias). O ato de leitura/escrita/crítica como poiesis, como atividade/ tarefa, para usar o termo benjaminiano é tanto criativo quanto crítico: a interlocução entre textos — línguas, culturas e

materialidades — demanda a desleitura dos textos e narrativas canônicos — e mesmo dos lugares e funções do autor, do leitor e da obra — criticamente, criativamente.

É nesse sentido que propomos uma reflexão acerca das instâncias leitor e autor como abordados pelos textos fundamentais de Foucault e Barthes — “O que é um autor” e “A morte do autor”, respectivamente, mas em uma perspectiva atualizada pelas novas questões postas pelas textualidades contemporâneas, conforme vimos discutindo ao longo de nossas pesquisas nesses últimos anos. Sérgio Luiz Prado Bellei (2014), em seu ensaio “A Morte do Autor: um retorno à cena do crime”, publicado pela revista Criação e crítica, propõe uma análise comparada das obras críticas de Foucault e Barthes de modo a pensar o *leitmotif* da morte do autor e das prerrogativas do leitor a partir da perspectiva do *day after*/dia seguinte: o autor morreu e temos lidado com isso, mas quais os impactos dessa questão para a crítica e a literatura ainda hoje em dia? O objetivo revisionista está no título do ensaio — um retorno à cena do crime — e o foco na obra dos dois autores mencionados nos indica os “culpados” pelo crime. Após analisar a questão do autor e sua emergência em textos pontuais de Barthes e Foucault, a saber, “A morte do autor” e “O que é um autor”, Bellei passa a pensar no lugar desta reflexão na obra dos autores em questão e destaca a relevância do trabalho de Foucault sobre o lugar vazio deixado pelo autor, conquanto a morte tenha sido concebida em ensaio anterior por Barthes. A proposta de Bellei é atualizar a discussão posta pelos autores a partir da perspectiva de uma ética de leitura que funda a obras destes. Segundo o mesmo, cada um destes autores, ao questionar sobre o autor — e, logo, o leitor e sua leitura, assim como também a obra — propõe uma ética da leitura fundada em princípios que acabam por convergir duas dimensões da ética: a da suspeita, da curiosidade, inscrita por Foucault na forma de um gesto iconoclasta, ao passo que Barthes nos propõe uma ética do prazer, a qual extrapola o mero prazer restrito pelo/no corpo, “mas um prazer voltado para uma revolução na cultura, no saber, no ensino e nas práticas de leitura” (BELLEI, 2014, p. 171).

Em certo sentido, as propostas de pesquisas em nível de doutorado que esperamos acolher nos próximos anos devem de certa forma indicar e sinalizar para uma problemática de pesquisa que intentem fomentar esse diálogo iniciado nesses anos de percurso e trabalho do grupo de pesquisa Desleitura, bem como, e mesmo que de maneira embrionária, nas doze dissertações de mestrado em Crítica Cultural orientadas por mim desde 2014, nas quais pesquisadores foram iniciados nas áreas de Leitura, Literatura e Estudos da tradução, Adaptação, Produção Audiovisual e entre outros com intuito de repensar o papel da crítica a partir do quadro proposto pelo debate contemporânea da crítica cultural, compreendendo-a como uma das manifestações em que impactam questões com a materialidade (o signo linguístico e a tecnologia, por exemplo) e as redes de sociabilidade para compartilhamento dessa experiência.

O perfil, o lugar e a tarefa do doutor em crítica cultural, esse leitor-mediador que opera sua interpretação-escrita a partir de seu horizonte de expectativas e projeto de crítica contemporânea, e o impacto deste processo na recepção de um determinado escritor e de seus textos é outra questão que aqui se levanta — e tanto Jameson quanto Eagleton nos chama atenção para a força que uma reflexão crítica do papel da cultura possui na criação e manutenção de representações sobre dadas práticas e objetos culturais.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko Chapecó: Argos, 2009.

BARTHES, R. “A morte do autor”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A Morte do Autor: um retorno à cena do crime. *Rev. Cria. Crít.*, São Paulo, n. 12, p. 161-171, jun. 2014. Disponível em <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 12.08.2020

- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: editora 34, 2011, p. 101-119.
- BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência: uma teoria da Poesia*. Lisboa: Edições Cotovia, 1991.
- BLOOM, Harold. *Um mapa da desleitura*. Trad. Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- BORGES, Jorge Luis. *O jardim das veredas que se bifurcam*. In: *Obras Completas*, São Paulo: Globo, 1998.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ECO, UMBERTO. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. “Universidade e diversidade: desafios da multicampia / Uneb dch iv como estudo de caso”. *Literatura: teoria, história, crítica*, vol. 20, nú. 2, 2018, p. 103-129.
- FOUCAULT, M. O que é um autor. In: *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *Apresentação. Seminários Avançados em Crítica Cultural — 2020.1 — Pós-Crítica/UNEB*, p. 09-21.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Death of a discipline*. New York: Columbia University Press, 2003.